



ANA MARIA CAMPOS
anacampos.df@dabr.com.br

Nova missão para Leany Lemos

Tábata Amaral/Divulgação



Minervino Júnior/CB/D.A. Press



Secretária de Planejamento, Orçamento e Gestão dos governos de Rodrigo Rollemberg (PSB) no DF, e de Eduardo Leite (PSDB), Leany Lemos está em nova missão. Consultora do Senado, ela deixou no início de abril o Ministério do Planejamento, onde integrava a equipe de Simone Tebet, como secretária nacional de Planejamento, e agora vai ajudar na campanha da deputada federal Tábata Amaral (PSB) à prefeitura de São Paulo. Leany ficará responsável pelo grupo temático sobre finanças públicas e responsabilidade fiscal. No Ministério do Planejamento, ela foi a coordenadora dos trabalhos de elaboração do Plano Plurianual 2024-2027. Da equipe de Rollemberg, ela foi para o governo de Eduardo Leite e atuou como presidente do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul. Competente e determinada, Leany está acostumada a abraçar novos desafios e topou o convite de Tábata. "Ajudar uma mulher jovem, moderna a alçar novos voos... Acredito muito", disse Leany à coluna.

Com Alckmin

A deputada Tábata Amaral (PSB) enfrentará uma disputa difícil em São Paulo, tendo como principais adversários o deputado Guilherme Boulos (PSol), que tem o apoio do presidente Lula e do PT, e o atual prefeito, Ricardo Nunes (MDB). Os dois lideram praticamente empatados a disputa, segundo pesquisas de opinião. Mas Tábata dispõe de um importante cabo eleitoral, o vice-presidente Geraldo Alckmin (PSB).

Compra de equipamentos para obras

As obras no governo Ibaneis estão a todo vapor. O Departamento de Estradas de Rodagem (DER-DF) lançou licitação por registro de preços para aquisição de motoniveladoras, com custo previsto de R\$ 23,5 milhões. As propostas serão recebidas em 16 de maio.

Homenagem aos servidores da Câmara

A Câmara Legislativa realizou sessão solene para homenagear os servidores que completaram 30 anos de trabalho até o fim de dezembro do ano passado. Foi uma iniciativa do deputado Pastor Daniel de Castro (PP), que está no primeiro mandato. Na cerimônia, foi exibido um vídeo. Lucimar Oliveira Nascimento, Niedja Maria Freitas da Silva e Inaldo José de Oliveira relembram as dificuldades da construção de um novo poder na capital, os problemas com estrutura, as alegrias da convivência, as lutas por melhorias para a categoria e as vitórias para a sociedade.

Novo ministro do TST

O advogado Antônio Fabrício de Matos Gonçalves foi indicado para a vaga da advocacia do Tribunal Superior do Trabalho (TST). O ato assinado pelo presidente Lula sai hoje, no Dia Mundial do Trabalho. O advogado mineiro passará por sabatina e pelo plenário do Senado e, se for aprovado, assumirá a vaga aberta com a aposentadoria do ministro Emmanoel Pereira. O novo magistrado do TST disputou a lista tríplice com os advogados Adriano Costa Avelino, de Alagoas, e Roseline Moraes, de Sergipe.



Reista Encontro/Divulgação

Aliados

O advogado Adriano Avelino tinha o apoio do presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL). Mas Antônio Fabrício de Matos Gonçalves era o nome preferido pelo presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), e pelo grupo Prerrogativas.



À QUEIMA-ROUPA

WILLIAN AMARAL

Fundador e CEO da Nice House, plataforma de entretenimento com foco em vídeos verticais e geração Z

"Enquanto os millennials tinham a certeza viabilizada pela estabilidade e prosperidade, a GenZ cresce em meio a um mundo de incertezas"

Nice House/Divulgação



Em relação ao trabalho, qual é a principal característica da geração Z, os jovens nascidos entre 1995 e 2010, que estão iniciando a carreira ou ainda vão ingressar no mercado?

Existem inúmeras características inerentes à GenZ, sejam elas consideradas positivas ou negativas, que impactam diretamente seu desempenho no trabalho e relacionamento com líderes e gestores de gerações anteriores (millennials e boomers) no dia a dia. Sendo a primeira geração 100% nativa digital, isto é, que nasceu com smartphones, tablets, computadores e todas as telas possíveis, trata-se de uma população fluente na linguagem digital, com extrema facilidade de adaptação às novas tecnologias e ao acelerado avanço técnico-científico de maneira geral. São profissionais pouco resistentes à inovação e que, se mentorados corretamente, tornam-se grandes catalisadores de novas ideias, processos e inovações. Por outro lado, esses jovens profissionais se deparam com uma ampla resistência de seus colegas millennials e boomers, sobretudo devido a divergências comportamentais. Claro, há de se considerar que a educação recebida em casa sempre gera grande impacto na formação cognitiva dessas pessoas. No entanto, estamos falando de profissionais que encaram o trabalho como um meio para viver, como uma fonte de renda, ao contrário de seus líderes, que viveram para trabalhar. Logo, a grosso modo, esperar que esse profissionais se sobrecarreguem de trabalho, abram mão de fim de semana e feriados, trabalhem horas além de seu período regular ou, até mesmo, passem cinco dias da semana trancados em um escritório em modelo presencial, acaba sendo fora da realidade.

Existem verdades e mitos. Essa geração tem menos compromisso com o trabalho?

A GenZ encara o trabalho sob uma ótica diferente de outras gerações. Os millennials presenciaram um Brasil próspero economicamente e relativamente estável na política, com inúmeras possibilidades de sucesso profissional, financeiro e intelectual. Dedicar-se incessantemente ao trabalho, permanecer por anos e fazer carreira em uma grande empresa, passar por graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado significava uma oportunidade de ter mobilidade sócioeconômica. Em um país extremamente desigual, melhorar a própria vida e a da família, conquistar a tão sonhada casa própria, o carro do ano e viajar para a Disney todo ano se tornou possível. Quando falamos da GenZ, estamos falando de pessoas que, muito cedo, acabaram enfrentando o início e agravamento da crise econômica e política no Brasil, uma pandemia que os prendeu em casa no auge de sua infância e

adolescência por mais de dois anos, o início de novas guerras ao redor do mundo e uma redução drástica de oportunidades e possibilidades de mobilidade social. Naturalmente, o presente passa a ser o momento mais precioso e valorizado por essas pessoas e a carreira profissional passa a ser um meio para viverem, uma das inúmeras esferas de sua vida, um compromisso com local, data e horário, não mais sua vida inteira, para a qual estão preparados para abrir mão de todo o resto. Afinal, enquanto os millennials tinham a certeza viabilizada pela estabilidade e prosperidade, a GenZ cresce em meio a um mundo de incertezas (não à toa, a distopia se torna um dos gêneros mais consumidos por essa população na literatura e no cinema, por exemplo).

Prefere trabalhos remotos?

É possível afirmar que a GenZ tem preferência pelo modelo de trabalho remoto por toda a flexibilidade que esse tipo de regime traz a suas vidas. Pensando superficialmente, só de não terem de se preocupar com todo o desgaste e custo de locomoção e alimentação nas grandes cidades, por exemplo, já estamos falando de profissionais muito mais dispostos e produtivos. Além disso, estamos falando de pessoas que dominam e se adaptam facilmente à tecnologia e aos novos recursos de trabalho e gestão. Por outro lado, o modelo híbrido também é amplamente apreciado pela geração Z, uma vez que líderes e gestores podem, ao menos uma ou duas vezes por semana, fazer um trabalho de acompanhamento e orientação muito mais próximo e eficaz, propiciando um ambiente de aprendizagem mútua mais assertivo e benéfico para todos.

Qual é o impacto no trabalho de já nascer num ambiente digital com todo tipo de informação ao alcance da mão? Qual é a grande virtude desses jovens?

A maior virtude da GenZ, ao já nascer em um ambiente digital repleto de todas as informações possíveis, é a resiliência e multidisciplinaridade desses jovens. Por serem a primeira geração 100% nativa digital, existe uma facilidade de adaptação gigantesca desses profissionais a novas tecnologias, metodologias e fluxos de trabalho, os quais passam por mudanças recorrentes dia após dia. Além disso, são pessoas multidisciplinares, porque as profissões e skills exigidas pelo mercado têm se modificado na mesma velocidade em que a tecnologia avança, com o surgimento de novas carreiras, funções e metodologias. Por já estarem inseridos nessa realidade desde o nascimento, a geração Z tende a receber mais facilmente e tranquilamente esse tipo de mudança, sobretudo em relançar a millennials e boomers.

Acompanhe a cobertura da política local com @anacampos_cb

» ENTREVISTA | ROBERTO BOTELHO | PRESIDENTE DA ADEMI-DF

Em entrevista ao *CB.Poder*, o dirigente do setor imobiliário prevê que lotes do Jóquei sejam licitados no segundo semestre

Novo bairro deve sair neste ano

» LUIS FELYPE RODRIGUES*

Os benefícios do Plano de Preservação do Conjunto Urbanístico de Brasília (PPCub) para uma expansão ordenada de Brasília e a criação do bairro Jóquei, que abrigará um público de classe média, foram assuntos debatidos pelo presidente da Associação de Empresas do Mercado Imobiliário do DF (Ademi-DF), Roberto Botelho, no programa *CB.Poder* — uma parceria entre o *Correio* e a *TV Brasília* — de ontem. Aos jornalistas Samantha Sallum e Arthur de Souza, ele também comenta como se pretende utilizar o trecho 4 do Setor de Clubes Sul e o déficit habitacional para baixa renda.

Quais são as novidades ligadas a questões imobiliárias que o PPCub traz e como fica a questão das quadras 900?

Nas quadras 900 na Asa Sul será permitido o uso das moradias. A única maneira de ampliar a oferta habitacional dentro do Plano Piloto é flexibilizando alguns usos.

E a nova forma de utilização do trecho 4 no Setor de Clubes Sul?

Aquela é uma região mista entre

hotéis e clubes. Os clubes que ficavam ali não existem mais, incluindo a Academia de Tênis. Se for aprovado pelo PPCub, será transformado em um setor só de hotéis.

Como está a situação da criação do bairro Jóquei?

É um projeto excepcional, moderno, irrigado por calçadas largas e ciclovias. Tem um Parque Central que remeterá historicamente à pista do Jockey Clube. É um bairro completo. Acredito que, no fim de julho ou em agosto, ele deve estar no Conplan, o órgão colegiado de aprovação desses projetos de urbanismo. Uma vez aprovado, irá para registro e acredito que, até setembro ou outubro deste ano, a Terracap terá condições de licitar os primeiros terrenos.

Para quem a nova região habitacional do DF é direcionada? Quantas pessoas serão atendidas?

Se não me engano, são 45 mil habitantes. O desejo é que sejam prédios altos, isso não significa que teremos mais pessoas, mas teremos uma melhor qualidade de vida para os moradores. Dessa forma, existirão mais espaços, o ar circulará com mais facilidade entre os edifícios, o sol entrará melhor, o ar

Kayo Magalhães/CB/D.A. Press



não ficará abafado e a qualidade do ambiente será melhorada. Será um bairro para a classe média, acreditamos que para um público entre Águas Claras e Guará, para atender essa faixa de renda que está mal suprida hoje.

Qual a demanda da Ademi-DF para o imposto de Transmissão de Bens Imóveis (ITBI), que historicamente era de 2%, mas há cerca de dois governos passou para 3%?

A demanda é que volte para os 2%. O secretário de Economia (Ney Ferraz) nos recebeu junto com o

secretário adjunto e estão promovendo um estudo para que seja feita essa mudança. Acreditamos que brevemente o governador Ibaneis Rocha (MDB) cumprirá essa promessa que fez durante a campanha.

Isso ajuda muito na regularização de contratos de gaveta. Qual o efeito positivo?

Uma arrecadação mais rápida. As pessoas têm um contrato de compra e venda conosco e, quando entregamos o imóvel, elas têm a possibilidade de transferir a

escritura para elas, mas isso não é uma obrigação. Se diminuirmos o imposto, as pessoas acabarão transferindo e o GDF arrecadando mais. Quando fizeram o aumento de 1% por um tempo limitado, aumentaram a arrecadação do ITBI. Acreditamos que, na verdade, haverá um aumento de arrecadação caso retornemos à tarifa anterior.

Como a Ademi está atuando para ampliar a oferta de residências para população de baixa renda no DF?

Há um problema gravíssimo



Aponte a câmera do celular e acesse o conteúdo completo

criado a partir da década de 1980, quando houve as primeiras expansões em Samambaia, Ceilândia, Recanto das Emas e Gama. Depois disso, parou-se de expandir essas áreas, e a opção das pessoas que não queriam partir para algo ilegal (invasão de lotes) foi o Entorno, já que os produtos lá eram ofertados por um valor mais barato. Esse número cresceu tanto que chegamos a 1,8 milhão de pessoas. O governador conseguiu aprovar a nova lei de parcelamentos, que proporcionará que a iniciativa privada ofereça imóveis para esses nichos de mercados (classes de baixa renda), o que é fundamental.

* Estagiário sob a supervisão de Patrick Selvatti